



Perito

## Casais pagam 400 euros para descobrirem traições no detector de mentiras

A suspeita de uma traição leva casais a pagar 400 euros para conhecerem a sentença de um detector de mentiras. Em Portugal, o polígrafo foi apenas usado em casos conjugais, segundo a experiência do psicofisiologista forense Amável Sanches



**24 comentários / 1857 visitas**

Algumas empresas têm demonstrado interesse em recorrer aos testes poligráficos, mas factores económicos e recusa dos funcionários inviabilizou o uso.

O português Amável Sanches já ligou a máquina para dois ou três casais nacionais dissiparem dúvidas, mas na Europa já avaliou entre 50 e 70 casais.

A sua estatística indica que 80 por cento dos testados são mulheres, embora num primeiro contacto ambas as pessoas assegurem que usarão o polígrafo.

"Quem mais telefona são mulheres acusadas de infidelidades que procuram uma solução, como justificar ou provar ao namorado ou ao esposo que não foram infiéis", contou à Lusa.

Nestas situações, "normalmente prova-se que [a mulher] não é infiel"

Também há casos de contactos de maridos ou namorados e às vezes a pressão sobre as suas companheiras revela mentiras e traições no polígrafo.

O perito não encontra um perfil tipo de idade ou condição sócio-económica, nem diferenças nos motivos nos países onde testou a infidelidade.

Viver "com desconfiança é difícil e muitas vezes é insustentável e é preciso aclarar certas dúvidas", resumiu.

"Penso que o objectivo primário não é necessariamente o divórcio ou a separação, mas aclarar a situação, o que talvez mais tarde leve à separação", explicou.

Desistências de última hora aconteceram porque, às vezes, os desconfiados querem respostas impossíveis ou percebem que não podem assistir ao teste.

O perito explicou que o polígrafo "não é uma bola de cristal" e por isso não responde se determinada pessoa va estar com X no futuro ou se só gosta de Y e não de Z.

O processo, que se prolonga por hora e meia a duas horas, começa com entrevistas prévias, às quais o outro interessado pode assistir. No entanto o terceiro não assiste ao teste.

Também algumas empresas de transporte de valores e vigilantes mostraram interesse em utilizar o serviço e uma empresária do ramo da restauração em Lisboa procurou o serviço crente que podia ser uma "ajuda" num caso de alegado roubo e eventuais falhas profissionais.

Num primeiro momento, os funcionários e a própria empresária concordaram submeter-se ao polígrafo, mas depois os trabalhadores "mostraram receio de serem controlados por uma máquina" e de se "saber mais da sua vida do que o legítimo".

A solução encontrada foi apertar o controlo. "Foi pena a recusa, podia ter ajudado bastante e atalhar caminho para ter um percurso mais saudável", concluiu.

Lusa/SOL

